

Fabiana de Barros subverte os signos em exposição na Suíça

ANTONIO GONÇALVES FILHO
Da Reportagem Local

POR YOUR SAFETY - Exposição individual da pintora Fabiana de Barros na galeria Andata/Ritorno (rue du Stand, 37, Genebra, Suíça). Aberta de segunda a sexta-feira, das 15 às 18h30. Sábado, das 14h às 17h. Inauguração na quinta-feira, às 18h. Até 23 de março.

Existem várias maneiras de se cometer uma transgressão iconográfica na sociedade industrial, em que logótipos assumem o papel antes desempenhado por signos religiosos. Uma delas foi realizada com êxito há dois anos pela pintora Fabiana de Barros, 31, filha do concretista brasileiro Geraldo de Barros, numa exposição da galeria Friedmann und Guinness, de Heidelberg (Alemanha Ocidental). Nessa mostra, sete torres, localizadas em sete capitais do mundo, ostentavam estrelas da Mercedes-Benz e trevos da Mitsubishi feitos sem o rigor geométrico que traduz o poderio econômico dessas marcas. Agora, a partir de quinta-feira, Fabiana ataca no avião, abrindo mais uma individual do tipo, "For Your Safety", na galeria Andata/Ritorno, em Genebra, Suíça.

Se na mostra "Tours du Monde" (Torres do Mundo) Fabiana prestava homenagem aos diversos movimentos da arte contemporânea no século 20, com "For Your Safety" ela volta aos bons tempos de Hugo Ball, Tzara e ao protodadaísmo, o que pode ser atestado no próprio convite da exposição. Nele, um caixão aparece sob uma cadeira, ambos agregados como siameses e com a inscrição "Life vest under your seat" (Colete salva-vidas sob o seu assento), numa (sub)versão direta dos avisos normalmente encontrados nas poltronas dos aviões.

Fabiana de Barros, que vai participar da Bienal de São Paulo deste ano, não concorda com a palavra transgressão. Suas torres não seriam representações ideológicas mas frutos da apropriação de signos próprios da época, sem crítica ou perversão. Difícil de acreditar. As linhas que simulam os movimentos de histórias em quadrinhos lembram



A artista plástica brasileira Fabiana de Barros trabalha na galeria Andata/Ritorno, em Genebra, na Suíça, onde estará expondo a partir do dia 23 de fevereiro

furacões prontos a abalar a ordem tecnológica, devastando o panorama urbano com fortes pinceladas. Qual nada. Fabiana permanece hostil a categorias e diz que até consegue patrocínio de grandes empresas para esses projetos.

"Só queria prestar homenagem

aos movimentos de arte. A estrela da Mercedes-Benz, por exemplo, é feita segundo a escola expressionista, e a torre da Esso, em Londres, não é um totem, mas uma referência à pré-história da pop art", diz. Bem, considerando que a ramificação britânica da pop art deve muito a

Richard Hamilton —um alucinado historiador do movimento dada—, não é de admirar que a "homenagem" de Fabiana seja tão ambígua. Há sempre algo de destrutivo na transformação pop dos signos, como comprovam as latas de sopa de Warhol, um bom exemplo de como

uma marca famosa pode ser arranhada por sua própria imagem —no caso, a sopa Campbell's "tomando" o homem.

História fragmentada

A artista reconhece que a pop art —até mesmo por razões familiares—

desempenhou e ainda interfere muito no processo de geração das exposições. "Há sempre uma preocupação construtiva nessas brincadeiras. Faço muitas instalações patrocinadas por empresas, que não são efêmeras como normalmente são as instalações, e isso reflete a preocupação social que também caracterizava a pop art", diz.

Na exposição da galeria suíça Andata/Ritorno, Fabiana de Barros vai mostrar algumas das torres tridimensionais que pintou e fazem parte do panorama urbano de Genebra. São torres que chegam a pesar uma tonelada, feitas de concreto e com altura média de 1,50m. O ponto de partida é uma estrutura de madeira, exatamente como nas construções convencionais. Ou seja, são simulacros bem acabados e posteriormente pintados com o patrocínio de grandes empresas, que chegam a desembolsar US\$ 7 mil (NCz\$ 7 mil aproximadamente) por torre.

As torres, assim como os pratos de sushi que anteriormente invadiram a mostra de Heidelberg, obedecem a um mesmo princípio: o deslocamento de signos. Pratos de sushi em Paris, insegurança a bordo com a cadeira-caixão, torres tridimensionais em concreto mas sem portas de entrada ou saída. Ser cosmopolita tem dessas desvantagens. Tudo parece demasiadamente monótono. A volta ao mundo em oitenta imagens é um sintoma de esquizofrenia pós-dadaísta que abalou e ainda abala os alicerces da arte contemporânea. Fabiana diz que não se preocupa com essa fragmentação. "Faz parte da nossa história e não dá para negar", observa.

Em todo o caso, a artista plástica insiste que a evocação de movimentos artísticos do passado nada tem de nostálgica. Longe de adotar passivamente estilos ou escolas, ela interfere na história com suas torres, elas mesmas pontos de referência de uma anti-arqueologia "in progress". Fabiana começa a escavar o futuro com ferramentas do passado à procura dos restos da civilização industrial.

Isabelle Meister